

Estudantes de Letras de Lisboa, Coimbra e Porto manifestaram-se ontem junto ao Ministério da Educação. Exigem a garantia de trabalho, no final dos cursos, insistem em não aceitar que as escolas sejam fábricas de desemprego.



Humor na manif: «Propostas do sr. ministro» em chinês, e cultura num caixão

O MINISTRO NÃO ESTAVA À JANELA

• JÚLIO PINTO texto MIRANDA CASTELA fotos

«MINISTRO estás à janela/Com a tua/Barba à tua/Não vamos daqui embora/Sem levar resposta tua/Sem levar resposta tua/Sem levar respostas certas/Com a tua barba à tua/Ministro vem à janela.»

Assim cantavam, ontem à tarde, a poucos metros do Ministério da Educação, alunos das Faculdades de Letras de Lisboa, Coimbra e Porto, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e de escolas secundárias de Lisboa.

Estavam ali para protestar contra a política do Ministério da Educação e exigir a garantia de trabalho no final dos cursos, seguros como estão de que as escolas não podem ser fábricas de desemprego.

Bem humorados e alheios ao discurso político institucional, pegaram na conhecida canção de Vitorino e puseram o ministro no lugar da menina. Não queriam do ministro, obviamente, o mesmo que o cantor pretendia da menina. Reivindicavam, apenas, o direito a uma audiência — pedida desde terça-feira passada —, de onde saísse a concordância do Executivo com coisas tão simples como «a elaboração de um levantamento prospectivo, amplo e diversificado, dos mercados de trabalho passíveis de vir a integrar formandos da área de Letras, até final do próximo mês de Março».

Entre as centenas de milhares de desempregados em Portugal, alguns milhares — fala-se



Forte dispositivo policial acolheu estudantes nada voltados para a violência

de nove mil — são licenciados em Letras. Não há escolas que os empreguem e o jornalismo cultural também tem *numerus clausus*.

Os que estão a caminho da licenciatura — em cursos agora aumentados para seis anos de frequência, em lugar de quatro — interrogam-se sobre o seu futuro.

Não podem, entretanto, interrogar o ministro. João de Deus Pinheiro não estava ontem à janela, nem no gabinete que lhe cabe.

Isto é: os manifestantes não foram recebidos (ver caixa).

Cantaram, gritaram os seus slogans e depois desfilaram até à Universidade Nova, para um piquete.

Cantaram: além da canção de Vitorino, uma adaptação do «Mafinho» — «O ministro ministro/Que resposta é a tua/Não saíam daqui/Não saímos daqui/Não saíam saíes à rua.» Ou ainda: «Oé olá/O ministro é o pior que há» e «Ministro tem mais encanto/Na hora da despedida.»

Os slogans eram coerentes com os cânticos, um bombo a marcar o ritmo e um imenso gase naquilo tudo.

A RTP não foi poupada. Transmitira, no Telejornal de quinta-feira, a «informação» de que a manif fora desconvocada. Acontece que quem a convocou foi a Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras e quem a tentou «desconvocar» foi a ex-direcção da Associação de Letras de Lisboa, recebida, essa sim, por João de Deus Pinheiro, quarta-feira passada.

Por isso se gritou ontem, no cruzamento da Elias Garcia com a 5 de Outubro, quando apareceu uma câmara de TV: «RTP informar/Não manipular.»

A ex-direcção da Associação de Letras é ex, porque foi derrotada nas eleições realizadas esta semana. Conotada com a direita, obteve 13,1 por cento dos votos, contra 82,3 por cento da lista vencedora, constituída por independentes de esquerda, afastados de lógicas partidárias.

Com a vitória desta lista, a Faculdade de Letras de Lisboa deverá passar a integrar a Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras, de que a anterior direcção associativa se auto excluiu.

O resultado da luta, esse é imprevisível. Os estudantes são apenas estudantes, não detêm qualquer parcela de poder, e o poder insiste em ver reles «agitadores», seguidistas do 86 francês.

Um pequeno partido político, a LST, apareceu ontem, junto à 5 de Outubro, a funcionar na mesma onda, distribuindo um comunicado cheio de «bons conselhos»: «Seguir o exemplo dos estudantes franceses.»

Mas ninguém lhe deu demasiada importância, e os organizadores da concentração mostraram-se mesmo incomodados com o oportunismo dos que pretendiam coiar-se à sua luta.

Os políticos da direita reconstruída e da esquerda saudosista parecem não ter entendido ainda que a realidade é mais forte do que os seus fantasmas paradigmáticos.

Como se afirma num comunicado da Coordenadora da Universidade Nova: «É nova a nossa luta, uma luta do futuro.»

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Enfite estudantes

